

especial feminismos

À MANEIRA DE PRÓLOGO

Juliana de Albuquerque

Colunista do jornal Folha de S. Paulo e editora da revista eletrônica Pasmás
Doutoranda em filosofia e literatura Alemã pela University College Cork (Irlanda)

Para a minha mãe

EM 1908, A MÉDICA E ATIVISTA FRANCESA Madeleine Pelletier comentou que cada feminista teria o seu próprio nicho de atuação, chamando-nos a atenção para a diversidade de demandas que caracterizava o movimento já na virada do século XIX para o XX, a exemplo do que foi documentado em 1915 pela autora Katherine Susan Anthony em *O feminismo na Alemanha e na Escandinávia*.

Com o intuito de informar as ativistas de língua inglesa sobre as principais características do feminismo europeu, Anthony teria identificado ao menos onze divisões internas no movimento alemão da época, referindo-se a grupos socialistas e burgueses entre os quais existiriam feministas conservadoras,

moderadas e radicais; e, ainda, religiosas de confissão cristã e laicas, assim como as integrantes dos velhos e dos novos feminismos, além das sufragistas e do “feminismo feminista”.

Essa lista proposta por Anthony é citada em recente estudo de Marlene LeGates sobre a história do feminismo na sociedade ocidental. Nele, a autora utiliza-se da diversidade do movimento para questionar certos mitos sobre a luta das mulheres por igualdade, a exemplo da crença largamente difundida no Brasil dos últimos anos de que as demandas pela igualdade de gênero resumem-se a uma expressão política reservada à esquerda – uma ideia que se firma a partir da participação das feministas de

esquerda na luta pela abertura democrática durante os anos da ditadura militar e que, atualmente, encontra arrimo nas novas articulações ocorridas sob a influência do programa anticapitalista da Marcha Mundial das Mulheres, ocorrida no ano 2000 (BOGADO, 2018, p. 32).

No entanto, isso não quer dizer que outras formas de articulação feminista sejam impossíveis. Exemplo disso é o dito feminismo liberal praticado pelas integrantes do Lola: Ladies of Liberty Alliance, movimento de origem norte-americana que chegou ao Brasil em 2009 e hoje conta com pelo menos 300.000 seguidoras, achando-se representado em oito estados da federação.

Igualmente, há quem apoie a tese do pós-feminismo. Esse é o caso da professora Isabella Anchieta (2019), que, em ensaio para o Estado da Arte, chama-nos a atenção para o fato de que não precisamos estar submetidas a uma ideologia política – ou até mesmo à própria narrativa feminista da História – para lutar por maior equidade e autodeterminação.

Em contrapartida a todos esses discursos, reservo-me o direito de pensar um feminismo diferente, questionando qualquer forma de argumentação política e intelectual que desconsidere o papel das emoções na formação do indivíduo.

8 Pergunto-me o que nos leva a optar por certas bandeiras, bem como o que instiga a nossa imaginação a adotar narrativas excludentes para legitimar o discurso de um movimento cujas propostas deveriam prezar pela possibilidade de ação conjunta e pelo beneficiamento dos mais variados grupos de mulheres a compor a sociedade brasileira.

O meu foco principal é o mal-estar do indivíduo do sexo feminino em sociedade, e como ele se traduz em um modo de atuação política frequentemente alheio a certo conflito de ordem afetiva, cuja articulação muitas vezes escapa a qualquer tentativa de racionalização.

Em um momento histórico como o nosso, caracterizado pela polarização ideológica e pela hipertrofia do discurso político em nossas vidas, devemos questionar até que ponto as nossas formas de ativismo não estariam contribuindo ainda mais para a confusão que todas nós vivenciamos entre a solução de frustrações íntimas e a necessidade de promovermos uma agenda que represente a pluralidade de interesses sociais das mulheres através de um mínimo denominador comum. Assim, gostaria de chamar atenção para a observação de Albertina de Oliveira Costa, Carmen Barroso e Cynthia Sarti, em artigo de 1985 sobre a pesquisa da mulher no Brasil:

O feminismo agrupou, ou melhor, serviu de guarda-chuva para uma grande variedade de tendências e orientações político-ideológicas. Uma tipologia, hoje clássica, distribui o movimento feminista por três tendências principais: a liberal, a radical e a socialista. O traço de união entre elas: a luta pela supressão da desigualdade entre os sexos fundamenta o princípio-base da opressão da mulher. No entanto, o movimento feminista não se fundamenta em uma teoria da opressão. *Ser feminista está radicado num elemento fluido, o da perspectiva das mulheres, terreno da denúncia e do desejo* (COSTA; BARROSO; SARTI, 2019, p. 110, grifo meu).

Encontro na citação duas relevantes observações: primeiro, a refutação da crença de que o feminismo brasileiro se

impõe como uma preocupação exclusiva da esquerda. Mesmo que na segunda metade do século XX o empenho político dessa corrente tenha sido essencial para o sucesso de importantes demandas – ainda assim, o êxito de muitas das demandas feministas sempre dependeu do diálogo entre setores de direita e de esquerda. Exemplo disso é o famoso *lobby do batom* – articulação política formada por 26 deputadas federais de diferentes filiações partidárias que, durante a Assembleia Constituinte de 1987, assegurou a igualdade de todos os brasileiros perante a lei, no texto da nossa atual Constituição.

Quanto à segunda observação, trata-se da caracterização do feminismo enquanto expressão de um elemento localizado naquilo que as autoras atribuem à perspectiva das mulheres: o desejo de reconhecimento e o impulso denunciatório dos mais variados graus de opressão e de violência sentidos por cada uma de nós.

Ora, não há dúvida de que a *experiência vivida* é parte fundamental da retórica feminista, a cumprir um importante papel na obra de escritoras identificadas em maior ou menor medida com o movimento, como Simone de Beauvoir, Anais Nin, Maya Angelou e Toni Morrison.

No entanto, ao se priorizar narrativas pessoais em detrimento de um sólido aporte teórico, corre-se o risco de se confundir as necessidades do saber científico com as demandas da prática política. No universo acadêmico, o resultado é a imprecisão. Segundo o artigo de Albertina de Oliveira Costa, Carmen Barroso e Cynthia Sarti:

Acompanhando a tendência ao engajamento militante nas pesquisas sobre a mulher, houve nos últimos anos uma utilização disseminada da metodologia da pesquisa-ação ou pesquisa participante, englobando-se, às vezes indevidamente, nesta rubrica qualquer pesquisa que envolvesse alguma forma de comprometimento político do pesquisador com o seu objeto de estudo (COSTA; BARROSO; SARTI, 2019, p. 129).

O que essas observações expõem com bastante clareza é a dificuldade tanto de ativistas como da sociedade para lidar com fenômenos históricos complexos, cujas múltiplas origens dificultam a formação de uma narrativa simples e direta, congruente com os anseios das mais variadas camadas da população por uma explicação unívoca para as recentes transformações culturais que contradizem os nossos velhos preconceitos – muitos dos quais amparados ao longo dos séculos pela religião e pelos cânones literário e filosófico.

Exemplo disso é a ideia inspirada no apóstolo Paulo, em sua “Epístola a Timóteo”, e em Jean-Jacques Rousseau, em *Émile, ou da educação*, de que a mulher deve submeter-se ao homem, com a sua educação condicionada ao bem-estar e ao progresso moral do seu companheiro. Tal como informa o filósofo: “[...] a mulher é feita para agradar e ser subjugada, ela deve tornar-se agradável ao homem, ao invés de provocá-lo” (ROUSSEAU, 1995, p. 424).

A citação se aplica às lembranças que tenho do Nordeste da minha juventude, onde a expressão feminina precisava ser constantemente justificada mesmo para as mulheres que se diziam independentes, mas que, ao meu ver, agiam muito



Precisamos estar cada vez mais atentas para os sinais desse ressentimento em nossas práticas cotidianas. Para, quem sabe, assim evitarmos uma vivência deturpada das diversas bandeiras feministas

timidamente, temendo as possíveis consequências sociais de qualquer questionamento mais incisivo sobre a ordem natural das coisas.

É o que pude observar, mesmo no início dos anos 2000, com muitas mulheres da minha geração ainda a vivenciar os cenários de época descritos por Paulo Francis nas novelas que compõem o volume *Filhas do segundo sexo*. Principalmente em “Clara, Clarimunda”: texto em que o escritor frisa a importância de questionarmos qualquer tentativa de articulação irrefletida entre a política e o desejo.

Casada com Carlos, a protagonista da trama assume desde cedo a tarefa de organizar a vida doméstica da família e de patrocinar o sucesso profissional do marido sociólogo e marxista, revisando os seus manuscritos, emprestando-lhe novas ideias e costurando, ainda, os seus relacionamentos de trabalho.

A trajetória de Clara descreve o percurso das mulheres que deixaram o país

na década de 1970 para acompanhar os seus companheiros em cursos de pós-graduação e doutorado no exterior. Momento em que – segundo comentário da pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda em *Pensamento feminista brasileiro* (2019, p. 9-10) – muitas tomam maior contato com a ideologia feminista e passam a viver um cotidiano a partir do qual questionam as nossas idiossincrasias de gênero, raça e classe.

De volta ao Rio de Janeiro, Clara participa dos famosos grupos de reflexão que tanto estimulavam a discussão entre as mulheres da classe média durante aquele período. Sem perceber, contudo, como toda a sua vida intelectual e afetiva permanecia condicionada aos interesses do marido, mantendo-a limitada nas opções de exercício da sua liberdade.

No entanto, ao romper com a bolha da coqueteria ideológica dos círculos intelectuais de classe média, Clara finalmente percebe o poço sem fundo em

que se metera, recorrendo à leitura de Marcel Proust para combater o torpor ideológico que passara a caracterizar a sua vida: “A ilusão do livre-arbítrio é a mais poderosa e intoxicante, Clara pensou a horas tantas o que Proust, mórbido, não notara. Pronto, descobrira uma falha na perfeição, que, é claro, tornava Proust ainda mais perfeito em humanidade...” (FRANCIS, 1982, p. 122).

Hoje, suspeito cada vez mais de que o sucesso do projeto feminista dependa justamente da redescoberta do que a protagonista de Francis intuiu enquanto lia Proust.

Nos episódios que compõem *Em busca do tempo perdido*, o autor desperta-nos a compreensão de que as nossas experiências e anseios por ruptura e libertação hão de sempre remeter à viscosidade do tempo. Ou seja, prevalece a reprodução inconsciente do passado em cada momento presente, a fazer com que o nosso envolvimento com o mundo e a expressão da nossa autonomia dependa de um constante exercício de questionamento tanto de memórias como de motivações.

Segundo a escritora e psicanalista Anaïs Nin, o propósito de tal questionamento residiria em minimizar os efeitos negativos do ressentimento em nossa atuação política – efeitos bastante comuns nos dias de hoje, a deturpar cada vez mais o funcionamento das instituições democráticas, a exemplo do reacionarismo que vemos tomar corpo no Reino Unido, nos Estados Unidos e no Brasil.

Em vários dos meus textos para o Estado da Arte, bem como em minhas colunas para a Folha de S. Paulo, refiro-me ao ressentimento como o processo de

internalização e acúmulo da agressividade sobre a qual não podemos atuar diretamente. Com o passar do tempo, esquecemos o objeto específico da nossa raiva acumulada e passamos a exercitá-la indiscriminadamente contra outros objetos e sobre nós mesmos.

Costumamos pensar que esse ressentimento atinge apenas os nossos adversários. Afinal, nos outros, qualquer síndrome se torna de mais fácil diagnóstico. No entanto, precisamos estar cada vez mais atentas para os sinais desse ressentimento em nossas práticas cotidianas. Para, quem sabe, assim evitarmos uma vivência deturpada das diversas bandeiras feministas.

RESUMO DESTA EDIÇÃO DA ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

As autoras convidadas a participar desta edição da revista dão uma amostra de como podemos pensar o feminismo e a atuação da mulher dentro e fora da academia, sem, porém, perder de vista a necessidade de complementarmos elucubrações teóricas com a experiência adquirida. Uma estratégia que, por vezes, falha em partilhar da neutralidade à qual estamos acostumados em círculos acadêmicos. Mas que favorece o diálogo entre os diversos recortes da nossa sociedade.

Os convites foram pensados de forma semelhante à do projeto de editoria que desenvolvo ao lado de Heloisa Pait na revista *Pasmas*. Ou seja, com a função de criar um espaço de discussão sobre questões que se localizam no intercâmbio entre o público e o privado, a nos permitir que uma reflexão sobre a situação da mulher ocorra naturalmente, a partir

de temáticas incidentais, tais como a discussão na literatura sobre a formação do sujeito autônomo.

Começamos então com um bate-papo sobre feminismo e literatura entre mim e a escritora pernambucana Luzilá Gonçalves Ferreira, ex-professora do departamento de Letras da UFPE e autora de *Humana, demasiado humana*, livro que marcou a minha adolescência por despertar-me o interesse em uma das personagens intelectuais mais controversas e fortes da Europa do século XX: a escritora e psicanalista russa Lou Andreas-Salomé, eternizada em nosso imaginário pelas suas extraordinárias amizades e colaborações com os grandes nomes da cultura da sua época, tais como Friedrich Nietzsche, Rainer Maria Rilke e Sigmund Freud.

Converso com Luzilá sobre o impacto de Lou na sua trajetória, assim como sobre as afinidades temáticas entre as duas autoras, a exemplo das diversas referências à poesia de Rilke e do caráter quase espiritual com que ambas vislumbram a relação entre os sexos. Falamos também sobre o protagonismo das mulheres no movimento abolicionista e na literatura brasileira do século dezanove, bem como sobre as possíveis limitações da escrita engajada.

Em seguida, a psicanalista Fabiane Secches, toma por objeto de estudo o paradoxo da ausência-presença na obra da escritora italiana Elena Ferrante. Segundo Fabiane, os volumes da tetralogia napolitana revelam como o discurso de Ferrante parece valorizar a coexistência de forças contraditórias no indivíduo. Nesse ponto, vale ressaltar a sua interpretação de como o *Fausto* de

Goethe serve de inspiração direta para a história da amizade entre as personagens de Lena e Lenú.

Júlia Correia, repórter de cultura do jornal Estado de S. Paulo, brinda-nos com um ensaio sobre o feminismo identitário e a mídia brasileira, chamando-nos a atenção para o fato de que discursos radicais podem intensificar o sentimento de desconfiança – que tomou conta do país – na imprensa tradicional.

Ativista e mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Gabriela Monteiro traz-nos ao conhecimento a realidade das trabalhadoras rurais feministas. Em seu texto, Gabriela analisa o processo de formação do sujeito feminista junto às integrantes do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE), frisando como, a partir da reconstrução das suas identidades, essas trabalhadoras: “se desafiam a tomar decisões [...]; reinventar imaginários e costurar outras trajetórias, outros mundos”.

Trouxemos, em seguida, o relato das cineastas Mykaela Plotkin e Anna Carolina Francisco sobre as tentativas das mulheres do audiovisual de firmar uma identidade própria, valorizando a alternância entre ficção e realidade na construção do sujeito autônomo.

A complementar o ensaio sobre as mulheres no audiovisual, a professora Heloisa Pait convida-nos para um dia na sala de projeção. Em “As filhas do feminismo vão ao cinema”, Heloisa tece um comentário sobre filmes de Isabel Coixet, Agnès Varda, Michal Aviad, Paula van der Oest, Alexandra Dean e Allison Schroeder.

Doutoranda em filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina,

Bárbara Buril reflete sobre a identidade *queer* a partir de uma discussão sobre a corporeidade. Remetendo-nos à fenomenologia e à obra do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, fala-nos da necessidade de se pensar a sexualidade como elemento efêmero, localizado “[...] nos gestos e na intencionalidade do sujeito em direção a outro sujeito, em direção ao mundo”.

Pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas, Heci Regina Candiani escreve sobre a peça *Les bouches inutiles*, famosa por se tratar da única incursão de Simone de Beauvoir pelo gênero teatral. Escrita em 1945, a peça tematiza alguns tópicos recorrentes da obra da filósofa existencialista, a exemplo do debate sobre

poder, gênero e emancipação das mulheres, que foi aprofundado alguns anos mais tarde com a publicação de *O segundo sexo*.

Esta edição também conta com resenhas de livros e dicas de leitura apresentadas pela professora Juliele Maria Sievers, pela pesquisadora Maria Eugênia Zanchet e pela jornalista Daniella Zupo. Além de um conto inédito da escritora Thais Kuperman Lancman.

Por fim, republicamos neste dossiê, na seção Acervo, um artigo da pesquisadora Judith C. Hoffnagel sobre a posição da mulher na comunidade pentecostal. Escrito na década de 1970, o texto estabelece um diálogo latente com alguns dos principais e mais recentes temas da política nacional.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, Isabelle. Pós-feminismo: o feminismo é um imperativo ético ou um cavalo de Troia? In: ESTADO DA ARTE: um espaço para a discussão de ideias para nosso tempo. São Paulo, SP, 1995- . 28 jun. 2019. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/pos-feminismo-o-feminismo-e-um-imperativo-etico-ou-um-cavalo-de-troia/>>. Acesso em: 23 jul. 2019.
- BOGADO, Maria. Rua. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão feminista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- COSTA, Albertina de Oliveira; BARROSO, Carmem; SARTI, Cynthia. Pesquisa sobre mulher no Brasil: do limbo ao gueto? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- FRANCIS, Paulo. Clara, Clarimunda. In: FRANCIS, Paulo. *Filhas do segundo sexo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Introdução. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- LEGATES, Marlene. *In their time: a history of feminism in Western society*. London: Routledge, 2001.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile, ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.